

## EUGENIO COSERIU E A QUESTÃO DA IDENTIDADE ENTRE LINGUAGEM E LITERATURA

Maria Hozanete ALVES de LIMA<sup>1</sup> , João Artur Rodrigues FERNANDES<sup>2</sup> 

---

*Article history:* Received 16 July 2025; Revised 01 October 2025; Accepted 21 October 2025;  
Available online 30 March 2026; Available print 30 April 2026.

©2026 Studia UBB Philologia. Published by Babeş-Bolyai University.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License

---

**ABSTRACT.** *Eugenio Coseriu and the Issue of the Identity between Language and Literature.* Eugenio Coseriu (2007) assumes that literature is a privileged place for the full functioning of language as a creative activity, so literary texts, as works of language, should serve as models for both the linguistics of language and textual linguistics. Through literature, as Coseriu maintains, it is possible to appreciate the infinite possibilities of structuring and restructuring linguistic resources in the service of communicative activity and to demonstrate how the concrete linguistic sign operates within a complex structure of interrelations, which is based on an equally elaborate set of interdependent semantic functions (Coseriu 1977). If literature highlights in potential what is observed in everyday language, although it may not seem so, everything in language is poetry. Considering, therefore, Eugenio Coseriu's keen interest in demonstrating that literature can be read as a measure to understand linguistic functioning, this paper aims to accompany the construction of Coserian theoretical and methodological arguments to defend the necessity of evidencing that there is an identity between language and literature, beyond a mere supposed relationship.

**Keywords:** *Coseriu, language, literature, creation, meaning*

---

<sup>1</sup> **Maria Hozanete ALVES de LIMA** é Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFRN). Áreas de interesse: História das Ideias Linguísticas; Ensino e aprendizagem de Línguas e Literaturas Clássicas; Estudos de tradução, com ênfase em tradução colaborativa no espaço escolar; Processos de escritura. E-mail: hozanete.lima@ufrn.br

<sup>2</sup> **João Artur Rodrigues FERNANDES** é Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN). Áreas de interesse: Processos de produção textual em sala de aula; Gestualidade e Aquisição da escrita. E-mail: arturfernandes986@gmail.com

**REZUMAT. Eugenio Coseriu și problematica identității dintre limbaj și literatură.** Eugenio Coseriu (2007) susține că literatura este un loc privilegiat pentru funcționarea deplină a limbajului ca activitate creatoare, astfel încât textele literare, ca opere ale limbajului, ar trebui să servească drept modele atât pentru lingvistica limbii, cât și pentru lingvistica textuală. Prin literatură, așa cum afirmă Coseriu, este posibil să se aprecieze posibilitățile infinite de structurare și restructurare a resurselor lingvistice în slujba activității comunicative și să se demonstreze modul în care semnul lingvistic concret funcționează într-o structură complexă de interrelații, bazată pe un set la fel de elaborat de funcții semantice interdependente (Coseriu 1977). Dacă literatura scoate în evidență în potențial ceea ce se observă în limbajul cotidian, chiar dacă acest lucru nu pare așa, totul în limbaj este poezie. Având în vedere, așadar, interesul profund al lui Eugenio Coseriu de a demonstra că literatura poate fi citită ca o măsură pentru a înțelege funcționarea limbajului, această lucrare își propune să însoțească construcția argumentelor teoretice și metodologice coserieni pentru a apăra necesitatea evidențierii faptului că există o identitate între limbaj și literatură, dincolo de o simplă relație presupusă.

**Cuvinte-cheie:** *Coseriu, limbaj, literatură, creație, sens*

## 1. Coseriu in contexto

Considerar a poesia como um fundamento epistemológico é uma perspectiva que se delineia já nos primeiros textos de Coseriu, durante sua trajetória acadêmica na década de 1950, principalmente no Uruguai, onde iniciou sua carreira científica. Nesse período, Coseriu formulou e desenvolveu suas primeiras teorias linguísticas voltadas à compreensão do funcionamento da linguagem como atividade criadora e sistêmica, as quais rapidamente se tornaram influentes.

A década de 1950 configura-se como um momento crucial na elaboração teórica de Coseriu. Nessa época, o linguista publica textos fundamentais, como *Sistema, norma e habla* (1952a), *La creación metafórica en el lenguaje* (1952b) e *Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar* (1955-1956). Essas publicações desempenham papel preponderante no desenvolvimento de sua concepção da linguagem como atividade humana complexa, exercendo impacto significativo no campo da linguística ao enfatizar a dialética entre sistema, norma e uso na manifestação concreta da fala<sup>3</sup>. Nesses textos, já podemos

---

<sup>3</sup> A importância desses textos se reflete nas republicações em revistas, coletâneas e livros que reúnem as ideias coserianas.

observar a gênese e a construção de argumentos teóricos e metodológicos para defender que, mais que uma simples relação, há uma identidade intrínseca entre língua e literatura, na qual a literatura não é apenas um uso da língua, mas uma manifestação essencial da linguagem.

Eugenio Coseriu (2007) assume que a literatura é um espaço privilegiado para o pleno funcionamento da linguagem como atividade criadora, motivo pelo qual os textos literários, como obra da linguagem, deveriam servir de modelo para a linguística da língua e para a linguística textual. Por meio da literatura, é possível perceber as infinitas possibilidades de estruturar e reestruturar os recursos linguísticos a serviço da atividade comunicativa e demonstrar como “o signo linguístico concreto” funciona por meio de uma complexa rede de relações, sob a qual há “um conjunto igualmente complexo de funções semânticas” (Coseriu 1977, 181). Se a literatura potencializa aquilo que se observa na linguagem cotidiana, ainda que isso não pareça evidente, tudo é poesia na linguagem.

Ao assumir que todo ato de fala é poesia – e quando problematiza a questão da identidade entre linguagem e poesia –, Coseriu não se refere à “poesia” como gênero literário, mas ao ato poético de realização exemplar da linguagem como atividade criadora. Esse ato poético não se restringe à forma versificada, à diversidade de gêneros (poema, romance, teatro, conto etc.) ou à classificação formal dos textos (épico, lírico, narrativo), mas compreende o modo como o sujeito falante mobiliza criativamente os recursos da língua histórica para instaurar novos sentidos. Trata-se, antes, da dimensão criadora que pode emergir em qualquer manifestação linguística, já que o uso da língua se funde numa liberdade expressiva enraizada no sistema. Como afirma Coseriu, falar é sempre, em certo sentido, criar linguagem, e não simplesmente usá-la mecanicamente, o que mostra que o ato poético é, em última instância, uma intensificação do próprio gesto humano de dizer.

Se, do ponto de vista institucional, reconhece-se que o espaço tradicional da expressividade máxima da linguagem é o campo literário, a literatura, no pensamento de Coseriu, não ocupa um lugar meramente ilustrativo, mas constitui um fundamento teórico. Não se trata de tomar a literatura como simples exemplo do uso criativo da língua, mas de compreendê-la como campo privilegiado para a observação da linguagem em sua forma mais livre e significativa. Nesse sentido, Coseriu valoriza não apenas o ato poético ou o estilo individual de um escritor, mas a produção metalinguística construída pela teoria literária e pela estilística, pois ela faz parte do esforço humano de compreender a linguagem como atividade criadora, histórica e situada.

Considerando, assim, o notável interesse de Eugenio Coseriu em demonstrar que a literatura pode ser concebida como um parâmetro privilegiado para a compreensão do funcionamento linguístico, este trabalho propõe-se a acompanhar,

nos textos do autor, a construção de argumentos teóricos e analíticos que fundamentam a tese de que língua e literatura constituem uma forma conjunta e unitária de cultura (Coseriu 1987). Seguimos, especialmente, o percurso trilhado por Coseriu (1977) em “Tesis sobre el tema ‘lenguaje y poesía’”.

Esta pesquisa se inscreve na esteira dos estudos já desenvolvidos por especialistas da obra de Coseriu, especialmente aqueles que investigam a proposição coseriana relativa à relação entre linguagem e literatura, com destaque para os trabalhos de Tămăianu-Morita (2006, 2012, 2015, dentre outros).

### ***1.1. Coseriu e a linguagem poética de Ion Barbu***

A relação de Coseriu com a linguagem poética antecede os anos 1950. Em 1944, Coseriu recebe a láurea em Letras, na Universidade de Roma, com a tese intitulada “Sobre as influências da poesia épica francesa medieval na poesia épica popular dos eslavos do sul” (no original, em italiano, “Sugli influssi della poesia epica francese medievale sulla poesia epica popolare degli Slavi meridionali”), movido por profundo interesse pela poesia épica. Uma de suas primeiras publicações, “La lingua di Ion Barbu (con alcune considerazioni sulla semantica delle lingue ‘imparate’”<sup>4</sup> (1948), destaca o fato de que a linguagem literária ultrapassa a dimensão puramente estética, mas constitui um espaço privilegiado de exploração e revelação do funcionamento da linguagem em sua totalidade. Sobre a poética do escritor romeno Ion Barbu<sup>5</sup>, Coseriu afirma:

A obra poética de Ion Barbu apresenta um notável interesse linguístico, tanto do ponto de vista “estilístico” (linguagem afetiva) quanto do ponto de vista “lógico”, já que, de fato, as numerosas inovações do poeta são, sobretudo, de caráter “lógico”, ou seja, referem-se principalmente à inteligibilidade (Coseriu 1948, 3 – tradução nossa)<sup>6</sup>.

Sublinha-se aqui o duplo interesse linguístico proporcionado pela obra poética de Ion Barbu. Por um lado, sua dimensão “estilística”, associada à “linguagem afetiva”, e, por outro, sua dimensão “lógica”, considerada prioritária. No plano estilístico,

---

<sup>4</sup> O termo “lingue ‘imparate’” refere-se às línguas concretas que os falantes aprendem em seu meio social. Diferem-se do sistema abstrato da língua e dos atos individuais de fala, pois correspondem à norma linguística, isto é, os hábitos compartilhados que orientam como se fala em uma comunidade.

<sup>5</sup> Ion Barbu foi o pseudônimo literário de Dan Barbilian (1895-1961), uma figura notável da cultura romena que se destacou tanto como matemático quanto como poeta.

<sup>6</sup> “La obra poética de Ion Barbu presenta un notable interés lingüístico, tanto desde el punto de vista ‘estilístico’ (lenguaje afectivo) como desde el punto de vista ‘lógico’, ya que, de hecho, las numerosas innovaciones del poeta son, sobre todo, de carácter ‘lógico’, es decir, se refieren sobre todo a la inteligibilidad” (Coseriu 1948, 3).

destaca-se o uso expressivo da língua, por meio da exploração sensível dos recursos formais e sonoros do texto poético. No plano lógico, ressalta-se a originalidade das inovações de ordem lógica, ou seja, a maneira como o poeta reconfigura os mecanismos internos da linguagem em função da inteligibilidade. Ainda para Coseriu (1948),

De outro modo, a língua de I. B. – embora seja uma “língua literária” – parece-me capaz de nos fazer descobrir algumas características funcionais do sistema linguístico romeno e de esclarecer certas questões de linguística geral. Isto porque as inovações de I. B. – especialmente as sintáticas e lexicais – são normalmente extensões de usos normais no sistema linguístico romeno e não são, geralmente, aberrantes, isto é, não constituem “erros” em relação à convenção lógica comum, considerada como uma “regra” (Coseriu 1948, 3 – tradução nossa)<sup>7</sup>.

Nesse sentido, a dificuldade de compreensão da poesia de Barbu não se deve à criação de uma “linguagem pessoal” ou à invenção de um código fechado, mas, sim, ao fato de que Barbu explora profundamente os recursos lógicos e semânticos da linguagem para produzir um discurso que exige do leitor uma atenção interpretativa especial. Essa complexidade é fruto de um uso extremo, mas legítimo, das potencialidades internas da própria linguagem. As inovações operadas por Barbu não representam um desrespeito às regras da língua, mas, ao contrário, estão enraizadas nas possibilidades do próprio sistema linguístico, de modo que suas criações, tanto no nível sintático quanto no lexical, não são aberrações, mas extensões de mecanismos já presentes na língua romena (Coseriu 1948).

Uma das estratégias recorrentes nas inovações semânticas de Ion Barbu consiste na extensão do significado particular de uma palavra para toda a sua esfera semântica. Por exemplo, o termo *casto* é utilizado como sinônimo de *nepătat* (imaculado). Embora possuam significados distintos (*casto* indica pureza moral ou sexual, e *nepătat* significa literalmente “imaculado”), suas esferas semânticas se cruzam em certos contextos, permitindo a Barbu qualificar nuvens como “castas”, isto é, “imaculadas”.

Para Coseriu (1948), essa inovação não representa uma ruptura arbitrária, mas uma extensão lógica, legitimada pelo funcionamento interno do sistema da

---

<sup>7</sup> “D'altra parte, la lingua di I. B. – pur trattandosi di una 'lingua letteraria' – mi sembra atta a farci scoprire alcune caratteristiche funzionali del sistema linguistico romeno e a chiarire certe questioni di linguistica generale. Ciò perché le innovazioni di I. B. – soprattutto sintattiche e lessicali – sono normalmente estensioni di usi normali nel sistema linguistico romeno e non sono, generalmente aberranti, cioè non costituiscono 'errori' rispetto alla convenzione logica comune, considerata come 'regola'” (Coseriu 1948, 3).

língua romena e que se desenvolve a partir das possibilidades estruturais da língua. Ela mostra que a criação poética não ocorre fora da linguagem, mas opera a partir de suas virtualidades, respeitando, mesmo em sua ousadia, a lógica do sistema linguístico.

Ao explorar os limites semânticos com rigor e originalidade, o poeta realiza possibilidades implícitas na norma linguística, articulando variação e regularidade de forma inovadora. Assim, a análise dessas inovações semânticas contribui diretamente para a tese da identidade entre linguagem e poesia, pois demonstra como o dizer poético participa da própria estrutura e da dinâmica interna da linguagem, e não de um campo separado ou meramente ornamental.

Em tais constatações, Coseriu (1948) defende que a obra de Barbu, para além de seu valor estético, desempenha uma função reveladora do próprio funcionamento da língua. É nesse ponto que a análise estilística se expande para uma perspectiva epistemológica, uma vez que a linguagem literária, em sua dimensão criativa, torna-se um instrumento para compreender a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico romeno e para refletir sobre questões mais amplas da linguística geral, como, por exemplo, a relação entre norma, uso e criatividade linguística. A literatura, para Coseriu (1948), tensiona os limites do sistema linguístico, iluminando aspectos fundamentais como suas possibilidades estruturais, a apropriação criativa por parte dos sujeitos falantes, a relação entre forma e sentido, bem como os mecanismos que sustentam a inteligibilidade do discurso.

É por essa razão que Coseriu se concentra na questão da “identidade”, e não exatamente da “relação” entre linguagem e poesia, como um problema central e decisivo. Como assegura, “[...] não se trata das chamadas «relações» entre a linguagem e a poesia, mas do problema da *identidade* entre linguagem e poesia” (Coseriu 1977, 181 – tradução nossa)<sup>8</sup>. E a essa questão se chega por múltiplos planos ou caminhos complementares, dos quais ele descreve três vias principais:

- 1) pelo caminho da determinação das funções do signo linguístico concreto;
- 2) pelo caminho da análise estilística e da teoria literária; e
- 3) pelo caminho da filosofia, ou seja, da determinação da essência da linguagem (Coseriu 1977, 181).

Essas três direções convergem para uma mesma tese: a poesia não é um uso marginal ou decorativo da linguagem, mas a realização plena de suas possibilidades essenciais. Descrever cada um desses planos e situá-los analiticamente mostra-se, portanto, um caminho produtivo para compreender em profundidade a questão da identidade entre linguagem e poesia e os alcances desse entendimento.

---

<sup>8</sup> “[...] no se trata de las llamadas «relaciones» entre el lenguaje y la poesía, sino del problema de la *identidad* entre lenguaje y poesía” (Coseriu 1977, 181).

## 2. Identidade entre linguagem e poesia: três caminhos

### 2.1. Plano da determinação e das funções do signo linguístico concreto

No primeiro plano ou caminho delineado por Coseriu, considera-se o signo linguístico concreto em sua realização efetiva nos textos. Inserido em uma rede de relações semânticas complexas, o signo não possui uma função única e fixa, mas participa de múltiplas funções complementares e interdependentes. Para o linguista, “o signo linguístico concreto [...] funciona ao mesmo tempo por meio de uma rede complementar e muito complexa de relações, da qual resulta um conjunto igualmente complexo de funções semânticas” (Coseriu 1977, 181)<sup>9</sup>. Essa formulação evidencia que o signo, tal como se realiza na fala concreta, não opera isoladamente, mas ativa simultaneamente múltiplas dimensões do significado linguístico: a dimensão designativa (referente ao objeto ou à realidade extralinguística), a significativa (relativa ao conteúdo que o signo adquire dentro do sistema da língua) e a expressiva (ligada à subjetividade do falante). Tais dimensões são complementares e interdependentes, ou seja, realizam-se em conjunto em cada ato de fala, sem que nenhuma possa ser plenamente dissociada das demais.

A poesia não opera à margem do sistema linguístico, mas o mobiliza em sua totalidade, revelando sua capacidade de gerar sentidos, além de referenciais simbólicos, expressivos e estéticos. Por isso, “a linguagem poética revela-se não como um uso linguístico entre outros, mas simplesmente como linguagem (sem adjetivos): realização de todas as possibilidades da linguagem como tal” (Coseriu 1977, 203 – tradução nossa)<sup>10</sup>. Nesse quadro, a linguagem poética não aparece como uma função particular, mas como a realização integral do funcionamento da linguagem. A poesia é paradigma do funcionamento linguístico, não é exceção.

O texto em que explora a linguagem poética de Barbu, como apresentamos, é uma defesa metodológica de que, para compreender a linguagem poética, é preciso ultrapassar tanto a análise puramente literária quanto a perspectiva descritiva da linguística tradicional. O que está em jogo é a compreensão da poesia como atualização criadora da língua histórica, em que o poeta opera sobre a norma comum para instaurar uma norma individual, criadora de estilo. O poeta cria *não fora* da língua, mas *a partir* dela, tornando-se ele mesmo um criador de formas e significados historicamente fundados.

<sup>9</sup> “El signo lingüístico concreto [...] funciona al mismo tiempo en y por una red complementaria y muy compleja de relaciones, con lo que surge un conjunto igualmente complejo de funciones semánticas” (Coseriu 1977, 181).

<sup>10</sup> “El lenguaje poético resulta ser, no un uso lingüístico entre otros, sino lenguaje simplemente (sin adjetivos): realización de todas las posibilidades del lenguaje como tal” (Coseriu 1977, 203).

Assim como o poeta, o falante ordinário também é responsável pela produtividade de formas e sentidos, como mostra Coseriu (1986). Entre os diversos exemplos analisados por ele para discutir a natureza e as causas da mudança linguística, destacamos as formações *haiga* (em lugar de *haya*) e *andé* (em vez da forma normativa *anduve*), no espanhol falado. Esses casos revelam que a criatividade do falante não é arbitrária, mas orientada por analogias estruturais legítimas no interior do sistema da língua. A forma *haiga*, por exemplo, corresponde à analogia com formas verbais terminadas em *-ga* como *tenga*, *venga*, *haga*; do mesmo modo, *hablé* e *corté* servem de modelo para a criação de *andé* (Coseriu 1986, 95). Essas produções, embora muitas vezes consideradas “erradas”, revelam que a norma linguística não é um conjunto fixo de prescrições, mas um domínio de possibilidades modeladas pelas regularidades percebidas no próprio sistema.

As formas *haiga* e *andé* demonstram que o sujeito falante age criativamente dentro da língua, ativando suas estruturas internas para produzir formas coerentes com o sistema, ainda que diferentes da norma culta. É uma manifestação clara da tese de que a fala é um processo dinâmico e criador, que ultrapassa a reprodução mecânica da norma linguística. Além disso, esse tipo de uso mostra como o sistema da fala (nível individual e funcional) pode gerar novas regularidades que se distanciam da norma coletiva, sem deixar de serem linguísticas e cognitivamente legítimas. A importância de exemplos dessa natureza reside em mostrar que a criação linguística não está restrita à esfera erudita ou artística da poesia, mas se manifesta também no cotidiano, mesmo nas formas que a norma oficial rejeita. Considerando-se, evidentemente, que, enquanto no uso comum a criação se dá na produção e na reconfiguração espontânea de formas linguísticas, como *haiga* e *andé*, na linguagem poética, essa criatividade se eleva a outro nível de consciência e sistematização, configurando um estilo individual e historicamente situado.

Um exemplo paradigmático da ampliação do significado lexical pode ser ilustrado pela trajetória histórica da palavra *grève*, cujo sentido evoluiu ao longo do tempo (Coseriu 1991). Essa trajetória configura uma manifestação clara da mudança semântica, evidenciando o processo de ampliação e reconfiguração dos significados lexicais. A palavra *grève*, nos séculos XVIII e XIX na França, designava um espaço plano de areia ou cascalho junto ao rio, especialmente à margem do Sena. Esse local, conhecido como *Place de Grève*, onde hoje está o Hôtel de Ville em Paris, era onde trabalhadores desempregados se reuniam esperando por contratação. Era um ponto de encontro entre patrões e trabalhadores eventuais – estivadores, marinheiros e operários. No contexto marítimo, a palavra também foi usada para designar o convés plano de certas embarcações. E, quando os marinheiros estavam insatisfeitos com as condições

de trabalho, reivindicavam melhorias ou se recusavam a zarpar, eles permaneciam ali, na parte chamada *grève* do navio, em protesto. Esse permanecer era simbólico. Eles não abandonavam o navio, mas também não executavam suas funções, suspendendo a atividade como forma de pressão.

Assim, com o tempo, o termo *greve* passou a designar não apenas o local físico, mas também o ato coletivo de suspensão do trabalho como forma de protesto. Esse desdobramento é um exemplo clássico de criação metafórica na linguagem. Um termo que designava um espaço físico passa a representar uma situação social, o local de espera transforma-se no símbolo da paralisação do trabalho. No caso de *greve*, o significado original, ligado a um espaço concreto, não desaparece, mas se mantém coexistindo com um novo sentido social e abstrato. Essa coexistência evidencia que os sentidos linguísticos se acumulam e se reconfiguram historicamente, em função das necessidades comunicativas e contextuais dos falantes<sup>11</sup>.

A palavra *greve* é, ainda, um exemplo eloquente de como a linguagem reflete processos sociais e culturais e de como a criação metafórica é essencial para a vida dinâmica da língua. O exemplo ilustra como o sentido das palavras é dinâmico e como a criação metafórica é um mecanismo fundamental para a expansão do significado linguístico e o alicerçamento de mudanças na língua. O pressuposto da criação contínua da linguagem sustenta outro princípio fundamental: o de que a linguagem só funciona mudando, recriando-se. Ao que defende Coseriu:

As palavras mudam continuamente; não apenas do ponto de vista fônico, mas também do ponto de vista semântico – uma palavra nunca é exatamente a mesma. Poderíamos dizer, mais precisamente, que uma palavra, considerada em dois momentos sucessivos de sua continuidade de uso em uma comunidade, não é 'nem totalmente outra, nem totalmente a mesma'. Em cada momento há algo que já existia e algo que nunca existiu antes: uma inovação na forma da palavra, em seu uso, em seu sistema de associações (Coseriu 1991, 101 – tradução nossa)<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> No caso de *grève*, ocorre uma mudança semântica histórica por extensão metafórica, em que um sentido concreto (lugar físico) transfere-se para um sentido abstrato (paralisação do trabalho). Esse processo envolve ampliação do significado e, por vezes, dessemantização e ressemantização, mantendo vínculo com o sentido original. Segundo Coseriu, essa dinâmica reflete a linguagem como atividade criadora, na qual os significados se acumulam e se reorganizam conforme as necessidades dos falantes.

<sup>12</sup> “Las palabras cambian continuamente; no sólo desde el punto de vista fónico, sino también desde el punto de vista semántico, una palabra no es nunca exactamente la misma; diríamos mejor que una palabra, considerada en dos momentos sucesivos de su continuidad de empleo en una comunidad, no es «ni tout à fait une autre, ni tout à fait la même». En cada momento

### Em continuação, Coseriu defende que

Essa mudança contínua, esse desejo ininterrupto de criação e recriação, no qual, como em um tecido ondulante de milhares de tons ou na superfície cintilante do mar sob o sol, um sistema estático concreto não pode ser fixado em nenhum momento, porque a cada momento o sistema se desfaz para ser reconstituído e desfeito novamente nos momentos imediatamente seguintes – essa mudança contínua é precisamente o que chamamos de realidade da linguagem (Coseriu 1991, 101-102 – tradução nossa)<sup>13</sup>.

A fala não é, nesse sentido, a repetição de formas ou sentidos, mas uma atualização viva, orientada por possibilidades inerentes ao funcionamento linguístico. Essa perspectiva permite sustentar a ideia de uma identidade profunda entre linguagem e poesia. Ambas não apenas compartilham os mesmos meios expressivos, mas também o mesmo princípio constitutivo, que é a criação significativa a partir das virtualidades oferecidas pelo sistema linguístico.

O uso cotidiano e o uso literário da linguagem diferem apenas pelo grau de elaboração e de consciência com que mobilizam tais possibilidades. Se o falante comum cria dentro da norma coletiva por meio de analogias produtivas e variações regulares, o poeta, por sua vez, instaura normas próprias que realizam a língua em sua máxima potência expressiva. Em ambos os casos, a linguagem não é simplesmente usada; é realizada. A distinção estaria no grau de elaboração e no nível de consciência da atividade criadora, mas o fundamento é o mesmo: falar é criar.

Coseriu propõe, assim, uma concepção unificada da linguagem como atividade criadora, que se manifesta em diferentes planos, do cotidiano ao literário. A norma, longe de ser uma barreira à liberdade de expressão, constitui precisamente o campo em que essa liberdade se exerce com rigor. Nesse sentido, tanto o poeta quanto o falante comum são realizadores da língua, pois, ao falar, criam mundos de sentido. A fala, em sua dimensão mais ampla, é sempre invenção, e é nesse gesto fundamental que linguagem e poesia se reencontram como expressões de uma mesma realidade: a linguagem como criação.

---

hay algo que ya existía y algo que nunca existió antes: una innovación en la forma de la palabra, en su empleo, en su sistema de asociaciones” (Coseriu 1991, 101).

<sup>13</sup> “Este cambio continuo, este afán ininterrumpido de creación y recreación, en el que, como en un paño ondulante de miles de matices o en la superficie chispeante del mar bajo el sol, en ningún momento se puede fijar un sistema estático concreto, porque en cada momento el sistema se quiebra para reconstituirse y romperse nuevamente en los momentos inmediatamente sucesivos – ese cambio continuo es, precisamente, lo que llamamos la realidad del lenguaje” (Coseriu 1991, 101-102).

## ***2.2. Plano da análise estilística e da teoria literária***

Para considerar o caminho da Estilística, é fundamental compreender a posição coseriana relativa à disciplina Estilística e sua distinção das chamadas “estilísticas”. Enquanto a Estilística é concebida como uma disciplina científica, que busca operacionalizar uma noção rigorosa e ampla de estilo articulando os três níveis da linguagem – sistema, norma e fala –, as “estilísticas” referem-se às variações históricas e concretas dos estilos manifestados em diferentes épocas, gêneros e comunidades. Essa distinção é essencial para evitar confusões entre o estudo dos estilos particulares e a busca por princípios gerais que regem o fenômeno estilístico.

Coseriu (1991) valoriza e reconhece os ensinamentos das diferentes abordagens estilísticas existentes. Das estilísticas idealistas, representadas por Benedetto Croce (1902) e Karl Vossler (1950, 1977), ele destaca a ênfase na criatividade individual e na originalidade do sujeito falante ou escritor, concebendo o estilo como uma expressão singular carregada de significado e liberdade criadora. Croce (1902), por exemplo, vinculava o estilo à intuição estética individual; já Vossler (1950, 1977) defendia o estilo como manifestação do “espírito do povo”, buscando compreender a língua como expressão cultural. Embora essa dimensão subjetiva seja fundamental para entender o estilo como algo vivo e dinâmico, Coseriu adverte para o risco de um subjetivismo extremo que desconsidera o sistema linguístico e suas condições, enfraquecendo o rigor científico.

Por outro lado, das estilísticas impressionistas ou subjetivas, como as propostas por Leo Spitzer, pioneiro da estilística moderna, Coseriu reconhece a importância da sensibilidade estética e do detalhamento das variações expressivas para a análise do estilo. Spitzer destacou a atenção à forma, aos efeitos estilísticos e à análise minuciosa dos fenômenos linguísticos presentes nos textos literários. Contudo, Coseriu (1991) critica que essas abordagens, por sua dependência excessiva de juízos pessoais e da impressão estética, carecem de método rigoroso, o que compromete a cientificidade da disciplina. Para ele, a estilística não pode limitar-se a descrever as impressões subjetivas provocadas pelo texto, mas deve fundamentar-se em bases linguísticas sólidas que expliquem os mecanismos subjacentes.

No plano metodológico, o modelo coseriano requer procedimentos rigorosos para a coleta, a análise e a interpretação dos dados estilísticos, assegurando que as observações ultrapassem o subjetivismo e se tornem empíricas e sistemáticas. Essa sistematicidade implica a articulação coerente entre teoria e método, considerando as dimensões estruturais, sociais e individuais do estilo, possibilitando análises comparáveis em diferentes contextos. Tal modelo visa à replicabilidade e à sustentação empírica dos resultados, consolidando a estilística

como ciência integrada à linguística, apta a produzir conhecimento geral e válido sobre o fenômeno estilístico. O estilo é um fenômeno complexo que articula liberdade criadora e condicionamentos estruturais, de modo que a Estilística deve identificar leis e princípios que expliquem essa articulação dinâmica, sem se limitar à descrição de estilos particulares.

Para Coseriu, o termo *estilo* é uma noção operativa para compreender a expressividade linguística, presente tanto na literatura quanto na fala comum. Ele não é restrito à arte, mas constitui um aspecto da linguagem que revela a singularidade do falante em cada ato comunicativo, por isso o estilo pode ser compreendido como a realização individual do falante ou do escritor, inscrita no sistema e na norma, mas transcendendo-os, conferindo singularidade e vitalidade à linguagem do sujeito. A noção de estilo, nesse sentido, está vinculada ao conceito de fala, entendida como “realização individual concreta da norma, que contém a própria norma e, além disso, a originalidade expressiva dos indivíduos falantes” (Coseriu 1967, 98).

Mesmo reconhecendo o progresso das diferentes abordagens estilísticas, Coseriu destaca a necessidade de superar limitações metodológicas e teóricas remanescentes, propondo um modelo de estilística plenamente sistemático e científico. Essa proposta permanece um desafio atual para os estudos linguísticos e literários.

Tanto a Estilística, com seu foco na análise da expressão individual e criadora da linguagem, quanto a Teoria Literária, que reflete criticamente sobre a literatura como realização da linguagem, são caminhos simultâneos e complementares para compreender a identidade profunda entre linguagem e literatura. Assim, não se trata de fundir ou confundir essas áreas, mas de reconhecer que ambas são necessárias e convergem para revelar a linguagem literária em sua complexidade, cada uma a partir de seu enfoque específico e método próprio.

A teoria literária, no pensamento de Coseriu, não é uma disciplina concorrente à linguística, mas um prolongamento natural da reflexão sobre a linguagem como criação. A literatura, para ele, é a forma elevada da realização da linguagem, e a teoria literária é o campo em que essa realização é pensada, descrita e analisada. Enquanto a teoria literária reflete sobre o que o texto literário faz com a linguagem, a estilística mostra como essa linguagem funciona na construção do estilo individual e na produção de sentido. Dessa forma, embora distintas, estilística e teoria literária convergem para revelar a identidade entre linguagem e literatura, pois ambas apontam para a linguagem como uma atividade criadora, na qual o sujeito falante mobiliza os recursos do sistema linguístico para instaurar sentidos novos e expressivos.

### **2.3. Plano da filosofia da linguagem**

A concepção coseriana da linguagem como criação de sentido se fundamenta em um diálogo profundo com a tradição filosófica. Coseriu retoma e reelabora reflexões de autores centrais da filosofia da linguagem ocidental. De Platão, herda a interrogação sobre a “justeza dos nomes”, tema tratado no *Crátilo*, em que se discute se as palavras se ligam às coisas naturalmente ou por convenção. De Aristóteles, adota a distinção entre nomear e dizer, entre *onomázein* e *légein*, destacando que a verdade não está na nomeação, mas no juízo, e reconhece que todo o discurso linguístico se organiza em torno do sentido. Giambattista Vico, filósofo italiano do século XVII, também é uma referência importante para Coseriu, especialmente na distinção entre *verum* e *certum*, e na ideia de que só conhecemos verdadeiramente aquilo que somos capazes de criar – ideia que fundamenta a concepção da linguagem como criação e não como cópia do real.

Coseriu também valoriza a contribuição de Wilhelm von Humboldt, para quem a linguagem não é produto acabado (*ergon*), mas atividade permanente (*energeia*), ou seja, uma ação criadora que estrutura o pensamento e a cultura. Essa ideia, herdada de Aristóteles, aparece em Coseriu (2010) como fundamento para entender a linguagem como liberdade: o ser humano cria significados ao falar, do mesmo modo que cria valores e mundos possíveis. Além disso, Hegel é mencionado como aquele que insere o trabalho e a linguagem como as duas dimensões essenciais do espírito humano, capazes de transformar o mundo e dar-lhe forma cultural.

Ao integrar essas tradições filosóficas, Coseriu defende que a filosofia da linguagem é um campo que ultrapassa a lógica, a representação e a comunicação, colocando no centro a atividade simbólica, criadora e cultural do sujeito humano. Em sua formulação mais radical, essa filosofia reconhece que a linguagem é a forma originária de construção do sentido, sendo, por isso mesmo, inseparável da poesia, que, como ele afirma, é linguagem em absoluto.

Assim, no pensamento de Eugenio Coseriu, a identidade essencial entre linguagem e poesia pode ser fundamentada filosoficamente. Essa perspectiva não se limita a uma analogia entre duas formas de expressão, mas revela uma estrutura ontológica comum. Linguagem e poesia são, em sua origem, atividades criadoras de sentido. A filosofia, especialmente em sua tradição ocidental, busca o universal, o necessário e o essencial. Para isso, opera por meio da lógica discursiva, da argumentação racional e da elaboração de conceitos, estabelecendo distinções fundamentais como verdadeiro/falso, ser/não ser, existência/inexistência.

Nesse contexto, a linguagem é frequentemente concebida como instrumento da razão, meio pelo qual o sujeito representa o mundo e organiza o pensamento.

Contudo, a filosofia da linguagem também permite vislumbrar a compreensão de que a linguagem não é apenas um veículo do pensamento, mas sua própria condição de possibilidade. Ao falar, o sujeito não se limita a descrever o mundo; ele o constitui. A linguagem é, assim, criação de significados, anterior a qualquer distinção lógica ou conceitual.

Essa capacidade de criar sentido sem se submeter à lógica formal é também o que permite à poesia realizar o universal no individual. Enquanto a filosofia busca o universal por meio de conceitos e definições, a poesia o revela por meio da singularidade expressiva. Um verso, uma imagem ou um gesto poético encarna o universal no concreto, sem precisar abstraí-lo.

Com isso, compreende-se o sentido da afirmação mais radical de Coseriu: “a linguagem absoluta é, portanto, poesia” (Coseriu 1977, 185 – tradução nossa)<sup>14</sup>. A linguagem, quando despojada de suas funções utilitárias, manifesta-se como criação de sentido puro. A poesia é, pois, sua forma mais elevada e consciente, em que o sentido é produzido não por mediação lógica, mas por expressão direta da experiência.

Esse entendimento implica uma crítica às concepções logicistas da linguagem, que a subordinam à representação objetiva e ao julgamento conceitual. Para Coseriu, a linguagem não é apenas expressão de conteúdos dados, mas atividade simbólica que cria e objetiva o conhecimento. Assim, a linguagem é, ao mesmo tempo, criação de significados e forma de conhecimento.

Na poesia, essa capacidade criadora se realiza de modo exemplar. A linguagem se volta sobre si mesma e manifesta sua força originária de constituição do mundo. A poesia não narra o que é factual, mas o que é possível; sua verdade é a da coerência expressiva e da plenitude simbólica. Nesse sentido, a literatura é o espaço em que fato, discurso e conhecimento coincidem. Na visão de Coseriu, a poesia não é ornamento da linguagem, é sua culminância, sua verdade mais profunda.

É precisamente nesse ponto que se estabelece, segundo Coseriu, a identidade entre linguagem e poesia:

Esta identidade essencial pode ser sustentada com bons argumentos também no plano da filosofia da linguagem. De fato, como unidade de intuição e expressão, como pura criação de significados [...], a linguagem é equiparável à poesia, pois a poesia também corresponde, precisamente, à apreensão intuitiva do ser (Coseriu 1977, 185 – tradução nossa)<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> “El lenguaje absoluto es, por tanto, poesía” (Coseriu 1977, 185).

<sup>15</sup> “Esta identidad esencial puede sostenerse con buenas razones también en el plano de la filosofía del lenguaje. En efecto, como unidad de intuición y expresión, como pura creación de

Essa afirmação se apoia na noção de sujeito criador como absoluto, isto é, a linguagem não se limita a reproduzir o mundo, mas opera como uma atividade que cria mundos de significado. O sujeito humano é criador não por dominar tudo, mas porque sua linguagem não depende de condições empíricas exteriores para significar. Ela instaura realidades possíveis. Nessa concepção, herdeira da estética de Croce e da tradição idealista, linguagem e poesia se equivalem como formas originárias de constituição do real.

Esse estatuto criador da linguagem e da poesia se manifesta também em sua anterioridade ao juízo lógico. Coseriu afirma que ambas ignoram as distinções entre verdadeiro e falso, entre ser e não ser, pois operam num plano intuitivo e expressivo que antecede tais categorizações. Por isso, linguagem e poesia não representam o mundo empírico, mas criam uma realidade outra, um mundo poético. Daí vem o entendimento de que a finalidade e os sentidos da *Divina Comédia* são e estão na própria *Divina Comédia*, os da *Odisséia* são a própria *Odisséia*. A poesia, nesse sentido, é criação absoluta, haja vista que não visa descrever o mundo, mas instaurar um universo simbólico próprio, sustentado na expressividade da linguagem.

Ao percorrer esses três planos ou caminhos, é necessário entender o percurso coseriano, pois Eugenio Coseriu (1990) propõe uma reflexão sobre a linguagem poética a partir de sua concepção da essência do falar como atividade criadora. Ao afirmar que a poesia é um “dizer absoluto”, refere-se ao fato de que aí a linguagem se realiza plenamente em si mesma, independentemente de uma situação comunicativa concreta ou da presença de um destinatário. Isso é possível porque, em sua raiz, o falar é criação de sentido, e a poesia, ao objetivar uma intuição singular por meio de formas linguísticas, exemplifica esse caráter criativo da linguagem em grau máximo.

Contudo, Coseriu (1990) deixa claro que essa identificação entre linguagem e poesia não pode ser levada ao limite, pois a linguagem, em sua totalidade, não é absoluta. O ato de linguagem não se reduz à expressão individual, pois envolve também a dimensão da *alteridade*. A consciência que cria o dizer é sempre uma consciência aberta a outras consciências. Isso significa que o falar, mesmo quando se apresenta como criação primária – como no caso da poesia –, pressupõe estruturalmente a presença do outro. É necessário, então, distinguir entre duas formas de comunicação. Por um lado, a comunicação como participação efetiva no outro, isto é, o aspecto prático de partilhar algo com alguém, que pode ou não ocorrer. Por outro lado, a comunicação como pressuposição do outro,

---

significados [...], el lenguaje es equiparable a la poesía, puesto que también la poesía corresponde, precisamente, a la aprehensión intuitiva del ser” (Coseriu 1977, 185).

que está presente em todo ato linguístico. Mesmo que o poema não seja lido por ninguém, ele é construído de modo que possa, em princípio, ser retomado, interpretado, compreendido, pois a linguagem é sempre voltada ao outro.

Além disso, Coseriu reconhece que mesmo a linguagem poética envolve informação e comunicação, embora em sentidos distintos dos que se aplicam à linguagem cotidiana. A poesia informa, ao dar forma a uma experiência sensível ou a uma intuição original, e comunica, como evocação de sentido, como abertura de um mundo possível ao interlocutor, mesmo que este seja ideal ou apenas potencial.

Por fim, é importante acrescentar que, para que qualquer forma de linguagem seja minimamente compreensível, inclusive a mais criativa, é necessário que haja algo de repetível, de compartilhável. O falar só é possível porque se ancora em um sistema histórico de formas linguísticas reconhecíveis, que permitem que os sujeitos se entendam, ainda que imperfeitamente. Mesmo a criação mais original da linguagem poética depende de elementos do sistema comum, da norma compartilhada, que tornam possível sua retomada e sua interpretação por outros. Portanto, mesmo o “dizer absoluto” da poesia não está fora da linguagem, mas realiza, de maneira intensa e particular, suas dimensões essenciais: a criação, a alteridade, a informação, a comunicação e a repetibilidade.

### 3. Conclusão

A partir da reflexão de Eugenio Coseriu, vimos que a literatura – e, mais radicalmente, a poesia – constitui uma das mais altas manifestações da linguagem como atividade humana criadora, e que só pode ser compreendida plenamente se for situada em dois eixos fundamentais: a dimensão textual (o texto como realização concreta e singular da linguagem) e a dimensão histórica (a língua como tradição cultural e sistema de possibilidades expressivas).

A literatura revela seu estatuto ontológico particular, pois ela não apenas *diz* algo, mas *faz ser* aquilo que diz. Como afirmou Coseriu, o texto poético não representa a realidade empírica, ele constitui uma realidade outra, simbólica e autônoma. Em vez de apenas descrever o mundo, a poesia o instaura como mundo possível. Isso significa que a literatura participa da lógica da criação e não da simples reprodução. É no texto que a linguagem atinge sua máxima densidade expressiva, mobilizando som, forma, ritmo, imagem e sentido em uma totalidade indivisível. A poesia, portanto, não é um uso periférico da linguagem, mas, segundo Coseriu, é linguagem “sem adjetivos”, isto é, linguagem em estado absoluto.

No contexto das línguas, a literatura só pode existir em línguas naturais concretas (espanhol, francês, romeno, português) e atua sobre essas línguas de

forma dinâmica, criadora e histórica. O poeta, ao escrever, não abandona a norma da língua, ele a prolonga, reinterpretando-a e reinventando-a por meio de escolhas estilísticas que revelam as potencialidades internas da tradição linguística a que pertence. Nesse sentido, como defende Coseriu, a língua dos grandes poetas não se opõe à língua histórica, mas coincide com ela em sua máxima realização. A literatura, assim, é um testemunho da vitalidade das línguas e, ao mesmo tempo, um lugar privilegiado de transformação histórica do dizer humano.

A literatura permite superar visões reducionistas, tanto aquelas que a encaram apenas como arte subjetiva quanto aquelas que a aprisionam em molduras exclusivamente formais. O texto literário é criação simbólica, mas é também fato linguístico, e o seu sentido só emerge plenamente quando se compreende sua enunciação como parte de uma tradição cultural e comunicativa. Nesse ponto, a literatura se revela como território de intersecção entre a atividade individual e os sistemas históricos.

Ao enfatizar a identidade entre linguagem e poesia, Coseriu não só atribui um estatuto filosófico à criação literária, como também recoloca a literatura no centro das ciências da linguagem. Com isso, ele nos convida a compreender o fenômeno literário como manifestação exemplar do que é falar – criar sentido, compartilhar mundos, configurar simbolicamente a experiência. E é precisamente isso que justifica pensar a identidade entre a poesia e a linguagem porque, só nesse entrelaçamento entre criação singular e forma histórica, a literatura e a língua podem ser compreendidas em sua profundidade humana e linguística.

### TRABALHOS CITADOS

- Coseriu, Eugenio. 1948. “La lingua di Ion Barbu (con alcune considerazioni sulla semantica delle lingue ‘imparate’)”. In *Atti del Sodalizio Glottologico Milanese I*, 2, 47-53
- Coseriu, Eugenio. 1952a. “Sistema, norma y habla”. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias*, Montevideo, v. 9, 113-81.
- Coseriu, Eugenio. 1952b. *La creación metafórica en el lenguaje*. Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Instituto de Filología, Departamento de Lingüística.
- Coseriu, Eugenio. 1956. *El problema de la corrección idiomática*. Manuscrito inédito. Tübingen: Archivo Coseriu. Disponível em: <http://www.coseriu.de>.
- Coseriu, Eugenio. 1955-56. “Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar”. *Romanistisches Jahrbuch*, v. 7, 24-54.
- Coseriu, Eugenio. 1967. *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 2ª edición. Madrid: Gredos.
- Coseriu, Eugenio. 1977. “Tesis sobre el tema ‘lenguaje y poesía’”. *Lingüística española actual I*, 1, 181-86.

- Coseriu, Eugenio. 1986. *Introducción a la lingüística*. Madrid: Gredos.
- Coseriu, Eugenio. 1987. "Acerca del sentido de la enseñanza de la lengua y literatura". In *Innovación en la enseñanza de la lengua y literatura*. Madrid: Subdirección General de Formación del Profesorado, Ministerio de Educación y Ciencia, 13-32.
- Coseriu, Eugenio. 1990. "Información y literatura". *Comunicación y Sociedad*, v. III, no. 1 y 2, 185-200.
- Coseriu, Eugenio. 1991. *El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística*. 2ª edição. Madrid: Gredos.
- Coseriu, Eugenio. 2007. *Lingüística del texto*. Introducción a la hermenéutica del sentido. Madrid: Arco Libros.
- Coseriu, Eugenio. 2010. *Storia della filosofia del linguaggio*. Italian edition by Donatella Di Cesare. Roma: Carocci.
- Croce, Benedetto. 1902. *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*. Milano: Laterza.
- Tămâianu-Morita, Emma. 2006. "Is Poetic Text 'Homologous' to 'Language?' A Romanian--Japanese Case Study". In *Studia Universitatis Babeş-Bolyai, Philologia*, LI, 1, 57-85.
- Tămâianu-Morita, Emma. 2012. "Translation as the Unfolding of an Intertextual Evocative Relation: Functions of 'Interpolated' Sequences in Ion Barbu's 'Richard III'", *Concordia Discors vs. Discordia Concors. International Journal for Research into Comparative Literature, Contrastive Linguistics, Cross-Cultural and Translation Strategies* (Suceava) IV, 149-91.
- Tămâianu-Morita, Emma. 2015. "On the textual functions of linguistic innovations: Some considerations starting from Eugenio Coseriu's 'La lingua di Ion Barbu'". In Orioles, Vincenzo, e Bombi, Raffaella Bombi (eds.). *Oltre Saussure. L'eredità scientifica di Eugenio Coseriu / Beyond Saussure: Eugenio Coseriu's Scientific Legacy*. Firenze: Franco Cesati, 355-66.
- Vossler, Karl. 1950. *Positivismo e idealismo na lingüística*. Traduzido por José Pedro Machado. Lisboa: Sá da Costa.
- Vossler, Karl. 1977. *Estética da linguagem: fundamentos de uma filosofia da linguagem*. Traduzido por Álvaro Cabral. São Paulo: Perspectiva.